

# AQUONARRATIVA OU O ENCHARCAR-SE NA POÉTICA DE DALCÍDIO JURANDIR

Paulo Nunes<sup>1</sup>

## Resumo:

Dalcídio Jurandir é autor que necessita ser redescoberto pela crítica nacional. Embora romancista, o tratamento poético da linguagem, empreendido pelo escritor marajoara, faz dele autor único no cenário brasileiro.

O estilo de escrita do autor, demarcado pela poética das águas, deu margem a uma leitura devaneante que aqui denominamos de aquotexto.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir, aquonarrativa, sedenarrativa, devaneio, aquotexto.

## Abstract:

Dalcídio Jurandir is an author who needs to be re-discovered by the national critics. In spite of being a novelist, this *Marajoara* writer is unique in his poetic treatment of language. His writing style, demarcated by the *aqua-poetics*, is open to a reverie-ish reading named here as *aqua-text*.

## Keywords:

Dalcídio Jurandir, *aqua-narrative*, *thirst-narrative*, reverie, *aqua-text*, reception.

*Chove nos campos de Cachoeira/ E Dalcídio Jurandir já morreu  
Chove sobre a campa de Dalcídio Jurandir/ E sobre qualquer outra campa  
A chuva não é um epílogo,/ Tampouco significa sentença ou esquecimento...*  
Carlos Drummond de Andrade

Dalcídio Jurandir é um escritor admirável. Disciplinadamente, ele construiu, com os tijolos moldados no barro marajoara, uma obra ímpar na literatura brasileira. São cinquenta anos de trabalho que se espraiam de 1929 (data provável da primeira versão de **Chove nos campos de Cachoeira**) a 1979 (quando veio a falecer no Rio de Janeiro). O ciclo do Extremo Norte, conjunto de romances amazônicos criado por Dalcídio Jurandir, ajuda, através da ficção, a redimensionar a Amazônia para o restante do Brasil. Ao introduzir a cena urbana da Amazônia na literatura brasileira de ficção<sup>2</sup>, conforme afirma Benedito Nunes, Jurandir ajuda a

<sup>1</sup> Mestre em Letras; professor da Universidade da Amazônia, Belém- Pará; autor, entre outros, de **Pedras de Encantaria**, em parceria com Josse Fares, (edUnama, 2000).

<sup>2</sup> Poder-se-ia aqui nomear **Hortência**, de Marques de Carvalho, como o romance introdutor de uma Belém urbana. Entretanto, me parece que a Belém de Marques de Carvalho é ainda cenário provinciano, estando mais para uma decadente periferia que para uma urbe, muito ao gosto dos naturalistas.

re-velar este rincão que foi por vezes rebatizado como *inferno verde*, *pulmão do mundo*, *Hiléia*, ou *página do Gênesis jamais escrita*. Entre o mito e o desmito, Dalcídio Jurandir é um marco. A literatura de ficção produzida no norte do Brasil pode ser balizada antes e depois de Dalcídio Jurandir.

\*

Ler Dalcídio é conjugar o verbo *mergulhar*, que Josse Fares declinará, a sua maneira, neste nosso encontro<sup>3</sup>. Verbo transitivo? *Mergulhar*, nesta leitura, somente se faz eco se considerarmos o complemento emocional do receptor: sua majestade o leitor.

\*

Desde que me debrucei sobre **Chove nos campos de Cachoeira**, rebento primogênito do *ciclo do Extremo Norte*, percebi uma obra repleta de encharcados, uma estética do romance que mostra a supremacia do elemento aquático sobre os demais elementais da natureza. Tal supremacia se evidenciou ainda mais quando **a Edição crítica de Chove nos campos...**, organizada por Rosa Assis (EdUnama: Belém, 1998), recupera o substantivo comum do título há muito perdido. O *Campos* com “C” maiúsculo – que poderia dar margem a interpretações errôneas - cede lugar a *campos* com “C” minúsculo. O elemental terra, desta feita, figura, lado a lado, com a água do vocábulo de “Chove”. A igualdade de condições entre terra e água pode iludir o leitor desavisado. A partir do instante em que o leitor “avança pelos campos de Cachoeira”, entretanto, o elemento terra cede lugar ao encharcado. Observe-se que a capa da **Edição crítica de Chove**, acima referida, destaca uma janela verde, como se de dentro para fora de uma casa, olhares fixassem pingos de chuva caindo, pingos que aludem à invernia amazônica. O ilustrador intuiu sobre as marcas d’água da narrativa iniciática do ciclo? O cinzento da capa dá margem a referências plúmbeas do inverno amazônico? Estas especulações dão panos para as mangas de uma possível investigação semiótica (alô, Luci Teixeira!...). Eu, entretanto, na minha condição de leitor, aponto tais indícios como traços significativos de uma estética das águas, que se vê, por hora, represada nesta obra que serviu de referência para este meu mergulho.

Mas, meu mergulho, é preciso que se diga, é, antes de tudo, um devaneio. E por falar em devaneios...

\*

Gaston Bachelard, em **A Água e os sonhos**, alude ao poder das águas como porta de entrada para os devaneios. É o estudioso quem afirma:

*...certas formas nascidas das águas têm mais atrativos, mais insistência, mais consistência: é que intervêm devaneios mais materiais e mais profundos, e nosso ser íntimo se envolve mais a fundo, e nossa imaginação sonha, mais de perto, com os atos criadores*

(Bachelard: 1989:22)

---

<sup>3</sup> Texto apresentado no I Colóquio Dalcídio Jurandir, promoção UFPa/Unama, em novembro de 2001, em Belém.

Como se pode perceber, Bachelard, mesmo sem o saber, é o enunciador do *Abrete Sésamo* necessário para minha leitura. Devaneios profundos? Talvez. Devaneio, sonho, mergulho: estas as minhas braçadas nesta aquonarrativa de **Chove nos campos de Cachoeira**, de Dalcídio Jurandir, núcleo gerador do *ciclo Extremo Norte*.

\*

A idéia de uma aquonarrativa me veio à mente no momento em que, ao observar a prosa modernista da geração de 30, pus-me a reler o episódio “O soldado amarelo”, do romance **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos. O narrador do referido romance enuncia, em certo fragmento:

*Fabiano meteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa seca, torrada, coberta de catingueiras, e capões do mato. Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos látegos e chocalhos pendurados num braço. O facão batia nos tocos.*

*Espiava o chão como de costume, decifrando rastros. Conheceu o da égua ruça, com certeza (...) Deixara pêlos brancos num tronco de angico. Urinara na areia e o mijo desmanchara as pegadas (...)*

*Fabiano ia desprezado, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores. Corcunda parecia farejar o solo – e a catinga deserta animava-se.*

No trecho selecionado, observam-se os traços daquilo que chamo, em **Pedras de encantaria**, de *sedenarrativa*: estilo condensado, lacônico, quase telegráfico, demarcado por períodos curtos, significativo em abundância semântica na seleção do repertório de palavras, nos remetem à aridez do sertão nordestino: *lagoa seca, torrada, catingueira, catinga deserta*. Sem contar aquelas que aludem indiretamente à secura do ambiente: *látego, chocalho, aió, toco*. O elemento líquido, quando surge no cenário do episódio acima transcrito, é impróprio para o consumo, trata-se da urina da égua ruça. O mijo do animal, demarcado no areal do sertão, ajuda a realçar a aridez do ambiente onde a família de Fabiano cumpre seu fa(r)do.

Pois bem, a esta *sedenarrativa* presente no romance de Ramos, contrasta-se a *aquonarrativa* de Dalcídio Jurandir. De modo geral, Graciliano e Dalcídio têm a mesma formação ideológica, e, a seu modo, cada um pintou um painel condizente com os propósitos da geração neo-realista do nosso Modernismo. Embora saibamos que as classificações das obras literárias em gerações podem limitar demais a ótica de leitura de um texto, arrisco-me a afirmar que Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir são os dois mais instigantes autores da geração de 30 do Modernismo brasileiro. Dois, podemos assim dizer, mestres do romance nacional.

Mas, afinal, em que consiste esta tal aquonarrativa? Embora ela seja perceptível em várias passagens do ciclo do Extremo Norte selecionamos abaixo um trecho

de **Chove nos campos...** , trecho que dá a dimensão significativa do que desejo afirmar:

*Uma nuvem mais pesada de chuva cresceu no céu. Quando chove, Cachoeira fica encharcada. Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casa da vila à beira do rio, com desejo de partir com aquelas águas. Quando chovia, mesmo verão, as chuvas eram grandes e os campos alagados. Eutanázio gostava um bocado de passear pelos campos. De atravessar os campos para chegar à casa de seu Cristóvão que ficava na ponta da rua para os lavrados. Às vezes chegava para ver Irene, com a roupa escorrendo, os cabelos pingando. Irene ria. D. Tomázia sacudia a cabeça com pena. D. Dejanira tirava o cachimbo da boca e suplicava:*

*- Seu Eutanázio, pelo amor de Deus vá tirar esta blusa. Valha-me Deus!*

*A nuvem de chuva crescia. Os campos escureciam ao largo como se fossem um mar no mau tempo.*

(Assis, Rosa, 1998)

Como se pode observar, os campos marajoaras (elemento sólido, teral) são subjugados pela supremacia das águas: “... os campos cresciam ao largo como se fossem um mar no mau tempo.” No excerto, um significativo repertório deflagra uma semântica do elemental água, ancoradouro mais evidente da aquonarrativa de Dalcídio Jurandir. Vejamos, na seqüência, as palavras enunciadas: *nuvem, chuva, quando chove, Cachoeira fica encharcada, Cachoeira, rio, águas, quando chovia, as chuvas, campos alagados, escorrendo, pingando, blusa [molhada], nuvem, mar*. Um outro dado que parece enfatizar esta nossa hipótese, é o não cumprimento do rigoroso esquema de pontuação gramatical, uma ausência de vírgulas que sugere a força das águas que arrebatam e ultrapassam (?) a represa da linguagem e inundam a íris do leitor.

\*

Pedro Maligo, um dos estudiosos de Literatura Brasileira nos E. U. A ., professor da Michigan State University, em um de seus estudos conclui que

*“[para Alfredo] a função prática do rio é relegada a segundo plano devido à importância da dimensão mágica que lhe é atribuída como a única via de escape de Cachoeira(...) Conseqüentemente, para Alfredo em especial, o rio transforma-se em entidade viva, que combina um elemento mítico(...) com uma função simbólica...”*

A ênfase ao rio, atribuída à imaginação de Alfredo, é mais um dos ingredientes desta tessitura vérbico-fluvial. Embora não se descarte a função evidentemente prática do rio para as populações ribeirinhas da região, o que, de certa forma, se evidencia em **Chove nos campos de Cachoeira**, é que o rio constitui numa esteira de expectativas, a projeção de sonhos de personagens como dona Amélia,

por exemplo, que deseja ver seu filho sair de Cachoeira para ter uma vida melhor em Belém (“... *quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejos de levar Alfredo para Belém...*”), e do próprio Alfredo que vê o rio como uma espécie de Mar Vermelho que ele precisa, algum dia, atravessar para ser feliz. Assim, pode-se afirmar que o rio configura, para algumas personagens, o desejo de uma vida mais feliz.

Massaud Moisés, em seu **História da Literatura Brasileira**, afirma ser a obra de Dalcídio Jurandir construída como um romance-rio. Leiamos:

*Dalcídio Jurandir Ramos Pereira (1909/1979) representa o regionalismo amazônico, mais precisamente o paraense. Concebeu e executou, com mão de ferro, um ciclo, o do Extremo Norte (...) Painel da terra e gente do Marajó e Belém do Pará, a série define-se como um romance-rio, ou melhor, uma novela-rio, por sinal desenrolada à beira do rio. Vasta narrativa de aprendizagem, obedece ao fluxo histórico do tempo, com personagens recorrentes, em meio a outras que saem de cena após cumprir o seu papel...*

(Moisés apud Nunes: 200:30)

Vê-se que afirmativa do professor da USP, adequadamente, reforça a idéia de aquonarratividade do ciclo romanesco do Extremo Norte. O estudioso faz referências à estrutura do *roman-fleuve* dalcidiano, aos moldes de Tolstói, em **Guerra e Paz**, e Marcel Proust, no **Em busca do tempo perdido**.

O fato é que o estilo encharcado, nem sempre subserviente às normas gramaticais rigorosas, faz de Dalcídio Jurandir um construtor de uma instigante mitonarrativa amazônica. Afinal, como diria Thiago de Mello, a Amazônia é a pátria das águas. A água é presença exuberante nos vales, é presença contundente no ar, uma vez que no inverno, a umidade relativa do ar chega, em alguns dias, a 90%.

Para encerrar minha fala, se faz oportuno citar Marc Girard, estudioso da simbologia das águas contida na **Bíblia**. É ele que nos diz, em certa passagem de seu estudo, algo que pode ser aplicado ao capítulo final (a meu ver o ápice do enredo) em **Chove nos campos de Cachoeira**:

*..as águas fechadas simbolizam sofrimento e angústia psicológicos causados pelo pecado ou pelo distanciamento geográfico, a provação, a decepção e a velhice (...)*

*Mas às vezes, sem a menor conotação moral, o mar aparece como o lugar de morada dos defuntos, e até morte como condição universal. Já se sente delinear no fundo o tema do retorno ao mar (entendido como útero devorador).*

(Girard: 1997:208)

Se observarmos a agonia de Eutanázio no desfecho de **Chove...**, estaremos diante de um quadro pungente, em que o moribundo Eutanázio clama pela presença da sarcástica Irene (que tem a etimologia do nome ironicamente ligada à paz), a mulher-obsessão que o renega, que o espezinha, que o maltrata. Ela, compungida, comparece à cena, mas o faz apenas em disfarce, o que denota um aprofundamento prospectivo da angústia de Eutanázio. José Arthur Bogéa, acerca das máscaras de Irene, é quem afirma em “Cor apocalíptica”, um dos ensaios de **Bandolins do Diabo**, livro no prelo da editora Pakatatu:

*...Máscara e espelho são palavras recorrentes em todos os dez romances do ciclo do Extremo Norte. Em Chove nos campos de Cachoeira, a referência maior se liga a Irene = “a máscara empapada de lágrimas”. Até o final do livro, Irene percorre a agonia de Eutanázio com a máscara que chora. A face que ele queria ver só se vê revelada à hora da morte (...)*

*Irene que apesar de, “ser uma criatura moça e bonita era uma máscara odiosa”...*

(Bogéa, inédito)

A cena bíblica narrada em **Chove nos campos de Cachoeira** identifica Irene como o símbolo da criação: “*Irene era a vida! Só ela era a vida! Irene estava bela com a sua gravidez de terra inundada...*” Cosmogonia? Delírios de Eutanázio?

E em contraste à cosmogonia, a força destruidora das águas (escatologia?) se faz emergir a partir da fala de outra personagem, o major Alberto, intertextualidade explícita com o texto sagrado hebraico-cristão:

*- Será que não pára de mesmo chover? Que aguaceiro! Toda a noite será assim? Vamos amanhecer com a casa debaixo d’água. É o dilúvio...*  
(...)

*E se chegando mais para o ombro de D. Amélia, galhofava:*

*- ... e o velho Noé num pau d’água, minha senhora. Num pau d’água.*

(Jurandir: 1998: 400)

Sob a ótica de um estilo farto e encharcado, Dalcídio Jurandir faz o leitor flutuar, à deriva dos gozos de seu aquotexto. A aquonarrativa de Jurandir é o (des)limite, o mergulhar sem-fim no mar de poesia, é o debulhar as águas da imaginação fértil, tatuagem que se faz no relógio matricial das amazônicas águas. Amazônicas?

## Bibliografia

Assis, Rosa. **Edição Crítica de Chove nos campos de Cachoeira**, EdUnama, Belém, 1998.

Bachelard, Gaston. **A Água e os Sonhos**. Martins Fontes, São Paulo, 1989.

Bogéa, José Arthur, **Bandolins do Diabo**, no prelo, Pakatatu.  
Fares, Josse & Nunes, Paulo. **Pedras de Encantaria**. EdUnama, Belém, 2000.  
Girard, Marc. **Os Símbolos na Bíblia**. Paulus: São Paulo, 1997.  
Maligo, Pedro. “Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir”, **Revista da USP**, 13, Edusp, São Paulo, 1992.  
Moisés, Massaud. **História da Literatura Brasileira**, vol.V, 3 ed., Cultrix, São Paulo.  
Ramos, Graciliano. **Vidas Secas**, 71 ed., Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1996.